

# O irado desabafo do Presidente

L. G. NASCIMENTO SILVA

O Presidente José Sarney resolveu inopinadamente dirigir-se à Nação em programa de televisão, respondendo a uma chusma de perguntas que lhe foram livremente formuladas por quatro entrevistadores.

As inquirições foram, desde o início, contundentes. A primeira delas foi a de Maria Gabriela: "O senhor, que já foi o Presidente mais popular da História do Brasil, é hoje o mais impopular. Por que o senhor tem índices tão altos de rejeição?" E foi nesses termos que se desenvolveu o debate.

O Presidente não escondeu, por um momento sequer, sua exasperação, não apenas com as percutientes perguntas dos interrogadores, mas também com as críticas que tem recebido por toda a parte por uma gestão titubeante e insegura. Hoje em dia ele é um homem que se pode dizer solitário, abandonado que está pelos políticos e, de modo especial, pelo Congresso Nacional. Este assumiu as rédeas do comando das ações estatais e tem rejeitado quase que sistematicamente as proposições emanadas da Presidência da República.

Por isso, já em sua resposta à primeira pergunta que lhe foi dirigida, acentuou ele que: "Nós temos uma grande crise do Estado brasileiro... quer dizer, não é uma crise do governo... a crise que nós vivemos é a crise do Estado... porque é impossível que se possa governar, como eu tenho governado nesses anos, sem o apoio dos partidos políticos, sem o apoio das classes empresariais, sem o apoio da imprensa."

Algumas das críticas formuladas pelos entrevistadores fo-

ram de ordem menor, como a da grande comitiva que ele, Presidente, levou a Paris para as solenidades do segundo centenário da Revolução Francesa. Isso é, sem dúvida, uma questão de somenos.

Procurou também o Presidente, em sua entrevista, exaltar sua atuação durante sua estada em Paris, afirmando que a carta que enviara ao Presidente Mitterrand tivera repercussão no Mundo inteiro. Um ou outro jornal poderá ter feito uma referência a essa carta. Mas não teve ela, obviamente, a importância que lhe quer atribuir o Presidente.

Queixa-se também o Presidente Sarney das violentas pressões que tem recebido de todos os partidos políticos, deixando-o sozinho com suas tão extensas responsabilidades. Isso é uma verdade, mas que se deu, porém, em grande parte, pela decisão tomada pela Assembleia Nacional Constituinte de reduzir efetivamente os poderes da Presidência da República, transferindo a maior parte delas para o Congresso Nacional.

Nesse ponto assiste ao Presidente totalmente razão. A Constituinte caminhou nitidamente para implantar um regime de governo parlamentarista. Depois sofreu uma súbita guinada no sentido da manutenção do regime presidencialista, pelo menos até 7 de setembro de 1993, quando então realizar-se-á um plebiscito em que o povo definirá o sistema de governo (parlamentarista ou presidencialista) que deverá vigorar no País. Daí o hibridismo em que se debate até hoje a Nação.

Mas, a verdade também é que os Constituintes impuseram uma reforma tributária que transferiu para Estados e Municípios grandes parcelas da receita pública. Reduziu-se, assim, consideravelmente o poder de ação do Governo federal. O que se pode relembrar a esse respeito é, isso sim, que o Presidente foi omisso no papel que sem dúvida lhe caberia de orientar a ação da Assembleia Nacional Constituinte. Não instaurou ele um grupo de trabalho constituído por juristas e políticos que elaborassem um anteprojeto de Constituição para ser o arcabouço inicial dos trabalhos da Constituinte. E essa omissão deixou que a Constituinte passasse meses a fio reunida, mas sem ter ainda diretrizes para as linhas gerais que deveriam ter a nova Constituição. E o resultado foi uma Carta Magna exundiosa e cheia de incongruências.

Nem é necessário também acentuarem-se os descaminhos que os sucessivos planos que o Governo implantou para direcionar as finanças e a economia brasileiras: Plano Cruzado, Plano Bresser, Plano Verão. Nenhum deles debelou a crise financeira do País que só poderá ser resolvida pelos recursos normais: a redução dos gastos públicos, do número de funcionários públicos, a privatização de empresas estatais e outras mais.

O desabafo do Presidente se completa quando ele diz: "O Presidente, hoje, não tem poder mais nenhum. O Presidente hoje não pode formular uma política." É verdade. Mas, convenhamos, é uma triste confissão.